

Dossiê – Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses

**Cena e dramaturgia da política na narrativa de uma
estudante negra: operando com o dissenso**

Jacqueline de Oliveira Moreira¹

Keren Clementina Martins França²

Karinne Vieira de Jesus³

Rodrigo Goes e Lima⁴

Andréa Maris Campos Guerra⁵

Resumo

Neste artigo, pretende-se recortar uma cena narrada por uma jovem universitária negra sobre a conexão e a comunicação de uma avó com a neta. Escutou-se a cena em um contexto de pesquisa que buscava localizar os modos e meios de superação, enfrentamento e tratamento dos efeitos do racismo em uma instituição universitária e no contexto da política de ações afirmativas. Além disso, o texto tenta pensar formas inventivas de interpretação de resultados em pesquisa qualitativa. Inspirando-se no método da cena de Rancière, escutou-se a cena narrada e lembrada pela jovem, em que a avó descascava a cana-de-açúcar e a dava para a neta chupar, como uma cena que guarda temas caros à história da população

1 Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Psicologia pela UFMG. Professora adjunta IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (Minas Gerais, Brasil), integrando o corpo docente do mestrado e doutorado em Psicologia dessa instituição (Conceito 5 Capes). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0901-4217> E-mail de contato: jacqdrawin@gmail.com

2 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8825-3535> E-mail de contato: kerencmf21@ufmg.br

3 Graduada em Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5271-8709> E-mail de contato: karinnevieira.jesus@gmail.com

4 Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (Minas Gerais, Brasil). Mestre em Filosofia com concentração em Psicanálise (New School for Social Research). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6769-1569> E-mail de contato: rodrigo.goeselima@gmail.com

5 Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com período de estudos aprofundados na Université de Rennes II. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). Professora adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5327-0694> E-mail de contato: andreamcguerra@gmail.com

negra brasileira, mas oferece uma nova cena de partilha que pode quebrar as hierarquias e oferecer a emergência do novo.

Palavras-chave: Transmissão, Mulheres negras, Método da cena, Cana-de-açúcar, Narrativas memorialísticas.

Introdução

*Cinzenta, meu querido amigo, é toda teoria,
E verde somente a árvore dourada da Vida.
Mefistófeles, em Fausto, parte I, cena 4. (Goethe, 1999/1790, p. 176)*

Os desafios da pesquisa qualitativa são vários, mas podemos considerar que a análise e a interpretação dos resultados se configuram como o maior deles. A pesquisa qualitativa, por vezes, segue uma tradição multiparadigmática, encontra-se em um diálogo transdisciplinar e “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (Chizzotti, 2003, p. 221).

A análise do material no campo das pesquisas qualitativas é um ponto sensível, em comparação com as pesquisas quantitativas, que defendem um tratamento dos dados baseado em números e cálculos matemáticos. As pesquisas qualitativas “criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas” (Chizzotti, 2003, p. 222). A área das Ciências Humanas apresenta uma maior acolhida às pesquisas qualitativas, sendo que o processo histórico de mudança dessas ciências impactou nos momentos e movimentos dessas pesquisas. Segundo Chizzotti (2003), a partir da década de 1990, “as pesquisas propendem para reconhecer uma pluralidade cultural, abandonando a autoridade única do pesquisador para reconhecer a polivocalidade dos participantes” (p. 230). Nesse sentido, as pesquisas qualitativas revelam espaços de originalidades criativas na investigação. Como aponta Chizzotti (2003), elas

Recorrem às sensibilidades, que o pós-modernismo invoca, para analisar as possibilidades estéticas dos estilos discursivos ou textuais da pesquisa ou, enfim, recorrem ao pós-modernismo, como crítica política às relações de poder e dominação, que subjazem às relações de classe, gênero, raça, etnicidade, colonialismo e culturas, para desmistificar a neutralidade e apresentar os múltiplos focos de coerção e poder que uma investigação acurada descobre (p. 231).

É na esteira dessas pesquisas, que reconhecem a “polivocalidade dos participantes”, que se encontra a pesquisa intitulada ““Psicanálise e decolonização – o mal-estar colonial -: como escutar e tratar o sofrimento psíquico do povo brasileiro?”. Aprovada pelo Comitê de Ética da UFMG com o CAAE 610252225.1001.5149 e financiada pelo CNPq, no edital Universal/2022, conta com a participação de docentes, discentes e profissionais de cinco cidades brasileiras (Belém/PA, Belo Horizonte/MG, Maceió/AL, Vitória/ES, Santo Antônio/BA).

Acreditamos que, sendo herdeiros dos processos imperialistas de poder opressivo e escravagista (ainda não simbólica e economicamente superados), sofreremos efeitos corporais e psíquicos, conscientes e inconscientes de resposta ao racismo, tanto na forma de mal-estar quanto de invenção de soluções subjetivo-institucionais e discursivas, bem como de afirmação de modos plurais de gozo e laço. Buscamos pesquisar o modo como esse mal-estar e suas soluções se articulam à colonização do ser, tomando o racismo e a negritude como articuladores estruturais do neo e endocolonialismo à brasileira, com base na produção nacional.

Neste momento da pesquisa, focalizamos os estudos sobre os impactos das políticas de ação afirmativa e de permanência no ensino superior na saúde mental de estudantes cotistas negras e negros, com base em uma perspectiva psicanalítica. Interessa-nos, sobretudo, escutar como modos e meios de superação, enfrentamento e tratamento dos efeitos do racismo desenham lógicas de resistência passíveis de transmissão. Pretendemos localizar algumas soluções elaboradas por estudantes negros e negras nas universidades, diante das formas de violência epistêmica, institucional e patriarcal no espaço acadêmico. Assim, esperamos que, no encontro entre pluralidades e polivocalidades, possamos compartilhar vivências, localizar soluções e transmitir maneiras de enfrentamento e ressignificação ante as fontes contemporâneas do mal-estar colonial.

Desvelar modos e meios de superação e enfrentamento do racismo demanda um trabalho de escuta dos sujeitos. Assim, decidimos construir uma metodologia de pesquisa na forma de uma composição de três métodos: a conversação psicanalítica proposta por Miller (2005); a “escrivência”, termo cunhado por Conceição Evaristo (Guzzo, 2021); e a proposta das narrativas memorialísticas (Guerra et al., 2022), que convida o participante da pesquisa a narrar sua história de vida. A iniciativa para a constituição de um grupo de pesquisa que estudasse o mal-estar do racismo brasileiro ocorreu em 2022 e contou com a composição de docentes, discentes e pesquisadores de cinco estados brasileiros. Em Belo Horizonte/MG, o grupo de conversação teve como chamada “Grada Kilomba: quem pode falar na universidade?”. O grupo foi conduzido por duas psicanalistas, contando, em média, com sete participantes ao longo dos cinco encontros, com a supervisão de uma professora da UFMG, que também faz parte desta pesquisa.

Além da apresentação pessoal no primeiro encontro, os participantes, a maioria estudantes de Psicologia, propuseram ler e discutir a carta escrita e lida por Marielle Franco, em 2017, na PUC-Rio, *Aos bastardos da PUC-Rio*, direcionada a alunos estudantes cotistas (Franco, 2017). Foi também sugerido, por parte das mediadoras, trabalhar capítulos do livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, da psicóloga Grada Kilomba (2019). A escolha por esse livro se baseia no fato de que, após mais de 130 anos de abolição da escravidão no Brasil, o racismo continua sendo a instituição fundante daquilo que conhecemos como nação, sendo ela a instituição que mais ilumina nosso passado e projeta nosso futuro (Nabuco, 2000). Por permitir uma leitura da atualidade do racismo expresso no cotidiano de pessoas negras e não negras é que Kilomba (2019) “examina a atemporalidade do racismo” (p. 29). Para a autora, “plantação” e “memórias” descrevem “o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada” (Kilomba, 2019, p. 29).

Sendo a universidade um espaço em que conflitos políticos e éticos se apresentam de forma complexa, ela não deixa de (re)produzir racismos, ao mesmo tempo que pode se apresentar uma instituição que descentraliza e possibilita elaborações teóricas e práticas para dizer do silenciamento brasileiro que perpassa as relações étnico raciais. Assim, a pergunta “quem pode falar na universidade?” não busca ingenuamente dar voz às pessoas, esta que já lhes pertence, mas aponta que ainda é preciso, por vezes, fazer um convite a falarem para que se provoquem ressonâncias subjetivas e sociais no espaço acadêmico, assim como possibilidade de ressignificações subjetivas.

Desse primeiro encontro e dos outros que se seguiram, as mediadoras puderam escutar os significantes que apareceram para dizer da experiência dos participantes com o espaço universitário: lugar de silenciamento, estranheza, sofrimento e revolta, lugar de poder e as problemáticas do racismo estrutural e institucional. Houve ainda momentos em que a elaboração sobre a universidade aparece como um espaço que permite laços entre alunos e professores, ocasião em que se perguntou qual seria o laço possível entre universidade e famílias. Foram ainda apresentadas pelo grupo possíveis saídas que possam configurar-se como uma ressignificação desse espaço, tanto da experiência individual quanto coletiva, a exemplo da produção científica como retomada do saber decolonizado.

No penúltimo encontro, sugeriu-se que cada participante fizesse uma escrevivência pela qual pudesse dizer o que repercutiu ao longo da conversação. Tal metodologia, elaborada por Conceição Evaristo,

Traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos como com a diáspora africana (Nunes, 2020, p. 30).

Assim, tal método também possibilita, de forma poética e livre, que surja um ponto do real no texto. Um real que abranja tanto a realidade quanto a ficção de pessoas negras que tiveram suas vozes silenciadas e suas histórias não escritas.

O último encontro contou com a presença de uma terceira psicóloga e psicanalista que fez um convite ao grupo: “Quem gostaria de narrar sua história de vida?”. Nessa fase da pesquisa, a metodologia empregada foi a narrativa memorialística (Guerra et al., 2022).

A narrativa memorialística tem sido um importante método para as pesquisas de fenômenos sociais em Psicanálise que permite “considerar uma dimensão mais humana e subjetiva em pesquisa científica” (Guerra et al., 2022, p. 18). A convocação disparadora, “Conte-nos a história de sua vida”, faz um convite ao sujeito para falar por associação livre. Apostamos que tal método possibilita a manifestação do inconsciente, ao mesmo tempo que produz um enigma para o sujeito, como constatado em experiências narrativas de pesquisas anteriores (Moreira et al., 2022).

No convite feito do grupo da conversação na UFMG, duas participantes aceitaram narrar suas histórias, não sem um primeiro estranhamento. Foi combinado entre a pesquisadora e as estudantes de se encontrarem na biblioteca pública da UFMG. A narrativa foi colhida de forma individual e por meio de um gravador de voz instalado no celular da pesquisadora.

Além disso, foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressaltamos que, neste artigo, pretendemos apresentar um recorte de escuta de apenas uma das jovens universitárias, a qual nomeamos Kalanchoê, nome de uma flor de origem africana, também conhecida no Brasil como flor-da-fortuna.

Kalanchoê é estudante de Psicologia e cotista contemplada pelas políticas de ação afirmativa. Consideramos aqui que a experiência dessa jovem negra não diz da experiência de todas as mulheres negras. Para Lima et al. (2022), “As experiências subjetivas das mulheres negras não são iguais, mas são marcadas por um ‘em-comum’” (p. 4), visto que todas são perpassadas, consciente e/ou inconscientemente, pela experiência racial.

Com as narrativas memorialísticas temos, então, a transcrição e a tradução de vidas pulsantes marcadas pela realidade social e por sua realidade circundante, que, portanto, não escapam dos atravessamentos dos contextos sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais. A narrativa de Kalanchoê acentua a importância da transmissão familiar, da oralidade, das heranças parentais e da ancestralidade para a produção do sujeito como cidadão. Ela também denuncia o racismo estrutural a partir da interrogação que faz a si mesma, anunciando um sofrimento diante do olhar branco do outro social: “O que tem de errado comigo?” (Kalanchoê).

Ao mesmo tempo, ela não deixa de ressaltar a acolhida na universidade como uma possibilidade de reinvenção de si e diz que a “‘Recepção Preta’ na universidade é um ‘abraço no coração’; uma forma de fortalecer” (Kalanchoê). A chamada “Recepção Preta” foi inaugurada, em 2017, pelo Centro de Convivência Negra (CCN) da UFMG, sendo espaço de acolhida para os estudantes pretos. O objetivo primeiro era reunir os novos alunos para conversas em que a pauta étnico-racial fosse o centro das discussões. Assim, a “Recepção Preta” é uma festa de boas-vindas aos estudantes negros da universidade e ocorre a cada novo semestre, prevendo um momento de interação entre calouros e veteranos.

Neste texto, gostaríamos de propor outra análise reflexiva sobre a narrativa. Seguindo a sugestão de Chizzotti (2003), “recorremos às sensibilidades do pós-modernismo para analisar as possibilidades estéticas dos estilos discursivos” (p. 231), com o esforço de não perder de vista as relações de poder e dominação, também apontadas pelo autor, no âmbito das pesquisas qualitativas. Pretendemos, pois, realizar um recorte de descrição de uma cena da infância relatada na narrativa de Kalanchoê, que se lança como uma imagem cinematográfica, especificamente a cena da criança, acompanhada da avó, chupando cana-de-açúcar. Vejamos a imagem:

Lembro quando era criança e ia na casa da minha avó e lá tinha pé de cana-de-açúcar. Ela ia preparando a cana e a gente ia chupando cana e conversando. Ficava um montão de sabugo de cana num cantinho assim, e aí ela contando aquelas coisa clássica: ‘Com sua idade, com 8 anos, eu já estava trabalhando’ [sic] (Kalanchoê).

Buscando maior apropriação da cena, convidamos dois jovens artistas para desenhar a cena. Na Figura 1, *Memórias da cana-de-açúcar* (2023), encontramos-nos com o traço de Danielle Monteiro, que fez um desenho com a técnica de grafite sobre Papel Canson.

Figura 1 – Memórias da cana-de-açúcar, 2023.



Nota: Danielle Monteiro (desenho em grafite).

Sabemos que as cenas infantis podem se apresentar como eventos ou mesmo acontecimentos, seguindo a ideia de Badiou (1996), cujo conceito de acontecimento (ou *événement*, em francês) é um elemento central em sua filosofia. O acontecimento é um evento singular e transformador que desafia e supera as estruturas e os limites da situação ou realidade existente (Badiou, 1996). Para o autor, a lógica do acontecimento envolve a noção de “fidelidade” à verdade desse evento, uma verdade que difere do conhecimento estabelecido e do consenso social (Badiou, 1995). Ao longo de sua obra, o filósofo se debruça sobre como o acontecimento repercute em campos distintos, como a política, a arte, a ciência e o amor (Badiou, 1995). Assim, pensamos a cena infantil de, acompanhada da avó, chupar cana-de-açúcar como um acontecimento de amor, político e estético. Uma cena que se inscreve na subjetividade da criança e na cadeia significante da história.

Partindo dessas considerações, neste texto, pretendemos, com base na cena, desdobrar reflexões sobre os efeitos dos processos imperialistas de poder opressivo e escravagista nos corpos e as subversões possíveis que inauguram estratégias de enfrentamento e nova configuração. Para isso, usaremos como inspiração o conceito de cena de Rancière.

Rancière e o método da cena

Logo, quando Rancière nos apresenta a igualdade como o único universal político possível, ele não o faz em termos de uma universalidade fundada na humanidade, na razão

ou outro valor. A universalidade é articulada em termos de ação de colocar o dano na cena pública – retomando não apenas sua definição da política como momento precário e provisório, mas também a possibilidade de colocar em cena uma desidentificação e uma construção de si baseado no que é impróprio na partilha do sensível; isto é, na demanda dos sem-parte, na voz dos que não têm enunciabilidade e na visibilidade dos invisíveis (Cardoso, 2022, p. 5).

Interessa-nos, neste movimento metodológico, trabalhar a narrativa baseada em um recorte de cena que pode ser definido como “um conceito em ação e não uma pequena história empírica” (Rancière & Jdey, 2021, p. 30). Inspirados no filósofo e tomando suas ideias como ferramentas com base nas quais visamos operar na realidade do discurso das narrativas memorialística, pretendemos deslocar alguns “objetos e discursos de seu tempo e espaço designados hierarquicamente” (Marques & Prado, 2018, p. 9) e reconfigurar inventivamente novas formas, novos olhares.

Acreditamos, com os autores, que “reenquadrar é uma operação que pode extrair narrativas de uma ordem policial de articulações do tempo e espaço e fazê-las aparecer como proferimentos que promovem uma nova partilha do sensível” (Marques & Prado, 2018, p. 10). No pensamento rancièriano, a cena é uma operação narrativa anti-hierárquica que foca no dissenso. Como revela o autor em entrevista a Adnen Jdey,

Trabalhar com a cena é recusar toda uma lógica da evolução, do longo prazo, da explicação por um conjunto de condições históricas ou do reenvio a uma realidade escondida atrás das aparências. Assim, a escolha de uma cena é escolha de uma singularidade, com a ideia de que o processo se compreende sempre a partir do aprofundamento do que está em jogo nessa singularidade, mais do que a partir de um enunciado infinito de condições. Do conceito de cena a certa ideia da temporalidade descontínua, a escolha de certo modo de racionalidade: pensamos que na espessura de um acontecimento singular podemos ler o conjunto dos vínculos que define uma singularidade política, artística ou teórica (Rancière & Jdey, 2021, p. 77).

Rancière adverte o leitor sobre as dificuldades de seu método, pois a montagem da cena visa a uma dramaturgia política da igualdade. O autor explica que “o processo de emancipação é a verificação da igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro” (Rancière, 2014, p. 70) e que, como tal,

É sempre posto em prática em nome de uma categoria à qual se nega o princípio dessa igualdade ou a sua consequência - trabalhadores, mulheres, negros ou outros. Mas pôr em prática a igualdade não equivale à manifestação do próprio ou dos atributos da categoria em questão. O nome de uma categoria que é vítima de um dano e invoca os seus direitos é sempre o nome do anônimo, o nome de qualquer um (Rancière, 2014, p. 70).

O método da cena se refere à análise dos elementos constitutivos de cenas específicas em textos literários, visuais e performativos, explorando suas implicações políticas, estéticas e conceituais (Rancière, 2009). Inspirados nesse método, pretendemos pensar um recorte da narrativa de Kalanchoê como uma cena e, assim, investigar como a estrutura e a dinâmica da cena revela questões de poder, representação e hierarquia, e quebra de hierarquias. Parece-nos importante mencionar que a cena, assim como o infantil, estabelece uma relação

paradoxal com o tempo, em que diferentes tempos e espaços se inter cruzam em uma lógica próxima aos espaços topológicos não orientáveis, como a banda de Moebius.

Construir uma cena depende, por sua vez, de uma concepção de tempo/espaço que se define de maneira distinta do que se entende canonicamente como “tempo histórico” – que, de maneira sincrônica ou diacrônica, coloca-se como base para estabelecer os diferentes “tempos” e “espaços” propícios para a interpretação por parte do historiador (Voigt, 2019, p. 36).

É importante enfatizar que, para Rancière, o ponto de partida de uma cena é a experiência humana concreta. Segundo Marques (2022),

Rancière afirma que o grão que origina a cena é uma singularidade, um evento especial, que pode nos levar a perceber conexões antes não imaginadas com outras singularidades, em si mesmas, contidas em um valor específico e que não devem ser aproximadas, segundo a lógica de uma explicação causal e linear, pois coloca tudo em seu “devido” lugar: pessoas, modos de percepção, formas de vida e de pensamento (p. 6). Assim, no trabalho da cena,

O pesquisador toma para si a tarefa de montá-la, por meio de vários elementos, palavras, nomes, narrativas e imagens que deslizam uns sobre os outros, tornando a composição da cena uma tessitura mais complexa do que uma conexão explicativa entre fragmentos distintos (Marques, 2022, p. 9).

Seguindo as trilhas de Rancière no método da cena, entendemos que é condição de possibilidade do trabalho localizar o contexto histórico em que se inscreve a cena. Para Cardoso (2022),

Rancière evidencia a dificuldade, senão impossibilidade, de aplicação de seu método (talvez até mesmo de suas categorias) sem a inserção delas em um contexto histórico, ou, nas palavras dele, na reencenação de um número limitado de cenas e eventos de discurso. Podemos, assim, entender que a coconstituição de teoria e empiria em Rancière passa pela dimensão discursiva e, neste sentido, une estes dois elementos, supostamente dicotômicos por um fio de significado. As ideias funcionam porque há um contexto discursivo de sua elaboração; por outro lado, compreendemos as ideias na medida em que as visualizamos em seu funcionamento, considerando, inclusive, as fronteiras (umas mais rígidas que outras) que elas colocam na ação humana (p. 12).

Nesse sentido, a seguir, apresentaremos uma leitura sucinta do contexto histórico que subjaz à narrativa para a qual escolhemos dar enfoque neste artigo.

Ciclo da cana-de-açúcar e a cena hierárquica (policia)

Moenda de usina

A Laís e Marcelo Cabral da Costa

Clássica, a cana se renega
ante a moenda (morte) da usina:

nela, antes esbelta, linear,
chega despenteada e sem rima.
(Jogada às moendas dos bangues
onde em feixes de estrofes ia,
não protestava contra a morte
nem contra o que a morte seria).
Na usina, ela cai de guindastes,
anárquica, sem simetria:
e até que as navalhas da moenda
quebrando-a, afinal, a paginam,
a cana é trovoada, troveja,
perde a elegância, a antiga linha,
estronda com o sotaque gago
de metralhadora, desvaria.
Não fossem as saias de ferro
da antemoenda que a canalizam
quebrar-lhe os ossos baralhados,
faria explodir toda a usina.
Nas moendas derradeiras tomba
já mutilada, em ordem unida:
não é mais a cana multidão
que ao tombar é povo e não fila;
ao matadouro final chega
em pelotão que se fuzila.
(Melo, 1980, p. 135)

A escravização no Brasil e o ciclo da cana-de-açúcar têm uma relação intrínseca fortemente vinculada à economia colonial e ao desenvolvimento do País. A cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses, no século XVI, sendo o Nordeste brasileiro o principal foco de desenvolvimento dessa cultura (Prado, 1942).

O ciclo da cana-de-açúcar teve um impacto significativo na economia colonial e na formação histórica e social do Brasil. A escravização de pessoas negras, sobretudo de africanos e seus descendentes, foi fundamental para sustentar essa monocultura e manter as elites locais (Schwartz, 1985), mediante a exploração de milhões de pessoas trazidas à força da África para trabalhar nas lavouras e engenhos de cana-de-açúcar (Eisenberg, 1974).

Devido à alta demanda de açúcar na Europa, o ciclo da cana-de-açúcar proporcionou grande riqueza para os senhores de engenho e contribuiu para o desenvolvimento de uma hierarquia social e econômica baseada na subjugação e exploração da população escravizada (Rodrigues, 1942). Além disso, a monocultura da cana-de-açúcar gerou um impacto ambiental expressivo, com desmatamento e esgotamento dos solos (Dean, 1995).

A cultura dessa tal “civilização do açúcar” (Ferlini, 1984), de onde nasce o Brasil, é também profundamente responsável pelo estabelecimento de modos de vida

hierarquizados que perduram muito após a abolição da escravidão. Inspirada pelas palavras de Padre Antônio Vieira, que compara a incandescência das fornalhas ao inferno, Ferlini (1984) afirma:

Ao observador do século XVII chocava a imagem do pesadelo, do trabalho nos engenhos do açúcar. Fogo, suor, negros, correntes, rodas, caldeiras ferventes compunham o quadro de labor incessante das fábricas de açúcar, diuturnamente, nos meses de safra, de agosto a maio (p. 45).

A famosa narrativa de Rego (2002), em *Menino de Engenho*, descreve, na romantizada visão da criança branca recém-chegada à casa-grande, a perduração do sistema desumano de exploração, sempre travestido das formas mais cínicas e, desde cedo, naturalizadas, típicas do racismo brasileiro:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativeiro. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As duas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos (p. 84).

Tais relações não se limitam, entretanto, ao início do século XX, época em que se passa o romance. Reportagem de 2007, publicada na *Folha de São Paulo*, que bem poderia ser reeditada atualmente sem muita alteração do conteúdo, denuncia:

O novo ciclo da cana-de-açúcar está impondo uma rotina aos cortadores de cana que, para alguns estudiosos, equipara sua vida útil de trabalho à dos escravos. É o lado perverso de um setor que, além de gerar novos empregos e ser um dos principais responsáveis pela movimentação interna da economia, deve exportar US\$ 7 bilhões neste ano. Ao menos 19 mortes já ocorreram nos canaviais de São Paulo desde meados de 2004, supostamente por excesso de trabalho (Zafalon, 2007, p. B1).

Consequentemente, longevos são também os efeitos subjetivos oriundos do sistema de exploração da cana-de-açúcar, o qual define contornos muito particulares de socialização e de constituição de redes de relações trabalhistas e sociais. Como apontam Hüning et al. (2015), em pesquisa realizada em comunidade no interior do estado de Alagoas, “A economia canavieira tem produzido efeitos locais que ultrapassam a dimensão econômica, especialmente se considerarmos os modos de subjetivação engendrados pelas relações construídas em torno da cultura e das usinas sucroalcooleiras” (p. 450).

Estabelece-se, portanto, por meio desse breve resgate de uma longa história de exploração humana sobre a qual se dá a constituição de um modo perene de exercício de poder político, econômico e social no Brasil, o pano de fundo diante do qual o trecho da narrativa de Kalanchoê adquire a configuração e o estatuto de uma cena aos moldes rancièrianos. A seguir, ensaiaremos a constituição dessa cena como método de pesquisa para os fins deste artigo.

A cena e a dramaturgia da política: a cana-de-açúcar em outros contextos

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(Ferreira Gullar, 1980, p. 227)

Retornemos, então, ao trecho da narrativa que nos propomos a analisar, a partir do qual trabalhamos a noção de “cena”, de Jacques Rancière, e apresentamos o segundo desenho em grafite, de Yan Nicolas São Thiago.

Figura 2 – Avó e neta, 2023.



Nota: Yan Nicolas São Thiago.

Antes de tratarmos, ponto a ponto, como podemos pensar e estruturar o relato narrativo em torno do método da cena, é importante abordarmos, logo de saída, alguns aspectos próprios à categoria do “dissenso”, tal como descrito por Rancière (1996). O conceito de dissenso não corresponde, segundo o autor, a uma diferença de posições, a uma oposição de perspectivas ou a uma diversidade de maneiras de ver o mundo. Seu núcleo está calcado em um conflito “sobre a própria configuração do sensível”, na “constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve, sobre os títulos dos que nele falam para ser ouvidos e sobre a visibilidade dos objetos que nele são designados” (Rancière, 1996, pp. 373-374).

Em outras palavras, o dissenso não diz de uma luta por reconhecimento ou de uma disputa de opiniões contrárias. Ele revela determinada perspectiva a respeito do mundo existente, a partir da qual esse mundo, na verdade, não existe. O dissenso é aquilo que, de alguma maneira, introduz tal mundo para que ele seja visto. O dissenso permite então vislumbrar a coexistência de dois mundos não apenas litigiosos, mas mutuamente excludentes, considerando o recorte do mundo sensível que cada um permite a si mesmo enxergar (Rancière, 1996). O exercício de demonstração desse mundo subjacente a outro, desse mundo que necessita ser inventado em um enquadre perceptivo comum a outro, envolve uma encenação que, ao mesmo tempo, constitui e denuncia o vínculo desses dois mundos heterogêneos. É nesse ponto que alcançamos a importância da cena, em particular da cena que propomos trabalhar, para a concepção do dissenso.

Tomadas então a construção narrativa descrita e a breve exposição acerca do conceito de dissenso, aprendemos com Marques (2022) que são três as formas de fazer operar a cena com base no dissenso:

a) a cena como resultado de acontecimentos singulares, produzidos pela ação política de sujeitos que buscam tematizar desigualdades e alterar vulnerabilidades, reconfigurada pela escritura, tal como uma (re)montagem feita pelo pesquisador; b) a cena como pequena máquina óptica que altera as condições de visibilidade e a forma do “aparecer” de sujeitos políticos em busca de sua emancipação; e, por fim, c) a cena como trabalho fabulativo, que justapõe temporalidades, espacialidades e corporeidades, de maneira a instaurar outras possibilidades de experimentação e de experiência (p. 5).

A breve descrição rememorativa de um acontecimento com forte carga afetiva, como a que aparece na narrativa, permite-nos decantar na cena constituída cada uma dessas formas de operação articuladas pelo dissenso.

No que diz respeito ao ponto “a”, entendemos que, ao afirmar que “o universal em política... é colocado em funcionamento por obra de sujeitos específicos”, Rancière (1996, p. 377) designa precisamente esses momentos em que o ato de imprimir uma qualidade subjetiva a um fenômeno, a um acontecimento ou a uma mera descrição factual comporta a possibilidade de, ao singularizar o universal, torná-lo verdadeiramente efetivo, e não uma abstração inerte. Dessa forma, o caráter particularmente íntimo, familiar e afetivo da cena narrada permite uma contraposição radical com o histórico violento e hegemônico em torno do papel do açúcar na formação social brasileira, tematizando uma desigualdade estrutural a partir da encenação de outra configuração estética.

A cena narrada introduz um novo universo sensível, incompatível com a representação típica do modo de socialização histórico açucareiro, sem incorrer em qualquer tipo de romantização ou atenuação da gravidade do contexto histórico. Muito pelo contrário, ao incorporar na composição da cena algo de particular, instaura-se, em oposição ao mundo polícalesco da dominação hegemônica tipicamente açucareira, algo da política, da disputa e do dissenso, de acordo com a concepção de Rancière.

O ponto “b” ressaltado por Marques (2022) nos permite perceber que a cena em si se torna equipamento de emergência de sujeitos políticos, ao dispor, em seu interior, de determinada configuração estético-discursiva que desafia regimes estáveis de configuração social. A congregação familiar em torno do evento de chupar cana, a partir do qual se apresenta uma transmissão, de avó para neta, que ressalta a diferença da posição de cada uma aos 8 anos, aponta um horizonte de mudança intergeracional sob um pano de fundo econômico, político e social ao qual a presença da cana-de-açúcar remete. Nesse sentido, e principalmente considerando o contexto de pesquisa em que a narrativa é evocada (a inserção universitária a partir da política de ações afirmativas), algo de uma proposta emancipatória está colocado no enquadre da rememoração afetiva. Sabemos que não é possível e que nem se pretende, neste exercício de investigação, legitimar a cena como sendo emancipatória ou não. Entretanto, podemos tocar, roçar a beleza afetiva da cena e apostar nas diferentes e, por vezes, contraditórias transmissões que ocorrem em *flash* de tempo e de luz.

Em “c”, podemos ressaltar, na cena analisada, precisamente a justaposição de temporalidades não apenas na diferença geracional da relação avó-neta, mas também na possibilidade, como aludimos anteriormente, de se sobrepor às particularidades sociais do ciclo de exploração do açúcar no Brasil o encontro educativo, recreativo, tipicamente infantil

e familiar em torno do ato de chupar cana. Superpõe-se ao “poder amargo do açúcar” (Mintz, 2010) a doçura da lembrança infantil. Novamente, ressaltamos que tal superposição não atenua ou suaviza o duro sabor histórico da exploração humana determinada pelo regime de produção açucareira. Longe disso, ela aponta para a irrupção de um novo mundo sensível, que reivindica o espaço político com base na cena instituída.

Se a cena, considerando os aspectos que a ela são próprios, reúne elementos para ser trabalhada a partir da ideia de dissenso, devemos acrescentar ainda a consideração relativa aos objetivos e justificativa da pesquisa em que se recolheu a narrativa, que, sem dúvida, exerce influência sobre como o convite à rememoração ganha forma. Afinal, não é qualquer o contexto a partir do qual fazemos neste artigo a leitura da emergência de sujeitos políticos.

Como apresentado na introdução, em nosso recorte investigativo, analisamos particularmente os impactos das políticas de ação afirmativa e de permanência no ensino superior na saúde mental de estudantes cotistas negras e negros, numa perspectiva psicanalítica. Nesse sentido, quando Rancière (1996) sugere que “a política começa com o cômputo litigioso dos não contados” (p. 377), pensamos que essa poderia ser uma definição perfeitamente aplicável ao sistema de cotas. A cota, como reserva numérica de vagas, é o início de um exercício de contabilidade (ainda que paradoxalmente incomensurável) dos efeitos de exclusão das pessoas que antes eram não contadas. Esse exercício se estabelece por meio de uma via que é, por definição, litigiosa, uma vez que incide precisamente na ocupação e distribuição de espaços hegemônicos de administração de saber e de poder, tal qual se configura o território universitário/acadêmico.

Por fim, entendemos que a constituição da cena baseada no recorte da narrativa selecionada tematiza pontos da história nacional sem nela se perder, definir-se ou se limitar. Não se trata de uma disputa de narrativas ou da releitura de fatos históricos com base em uma versão alternativa, mas sim da apresentação de outro arranjo sensível que introduz o conflito tipicamente político ao dispor temas, sujeitos e elementos em uma configuração visível que reivindica um espaço de representação em um mundo que a tenta eliminar. Nascimento (2021) ilustra a importância desse movimento de mergulho radical na vida particular de um sujeito ante a ilusão de apreensão de uma história de vida pela via da História oficial:

Pensa ele que basta entender ou participar de algumas manifestações culturais para se ser preto; outros pensam que quem nos estuda no escravismo nos entendeu historicamente. Como se a história pudesse ser limitada no “tempo espetacular”, no tempo representado, e não o contrário: o tempo é que está dentro da história. Não se estuda, no negro que está vivendo, a história vivida. Somos a história viva do preto, não números (p. 45).

A cena narrada da partilha da cana-de-açúcar se vale de ingredientes com um pesado lastro histórico que remete ao passado escravagista (a questão da moradia, o pé de cana, o trabalho, a infância explorada) para dizer de outra coisa. Tal qual a inserção universitária pela via das políticas afirmativas, o que se afirma ao “dilatando os momentos singulares” (Rancière, 2020, como citado em Marques, 2022, p. 3) é a presença incandescente de uma forma de existência que altera o “funcionamento da máquina explicativa” da história e põe em xeque a ordem do mundo, desviando do consenso. A história diz reiteradamente que ocupar espaços universitários e desfrutar da “doçura do poder”, cujo produto é o bagaço, são prerrogativas

de poucos e privilegiados. Em contraposição, uma cena de dissenso desestabiliza hierarquias e “produz montagens e mosaicos a partir de singularidades que supostamente não deveriam estar juntas” (Marques, 2022, p. 11). Há um choque de mundos sensíveis que, ao deslocar posições naturalizadas, instaura um novo campo político. Acreditamos que a narrativa, suplementada pelo método da cena, sirva como um dos suportes para a expressão dessa nova forma de habitar o tempo e o espaço.

Considerações finais

O desafio de montar uma cena baseada na escuta de uma narrativa memorialística a partir da proposta rancièriana nos coloca de frente com uma série de questões particulares aos modos de se interpretar materiais oriundos de uma pesquisa qualitativa em Psicanálise. A eleição de um recorte de um produto de pesquisa, tal qual nos propusemos a realizar por meio da cena da cana-de-açúcar aqui reproduzida, exige, antes, um reconhecimento dos critérios histórico-subjetivos que condicionam a escuta do(a) pesquisador(a) do que uma mera aplicação de um método teórico à interpretação de dados recolhidos.

Conforme buscamos executá-lo, o que o método da cena de Rancière nos aponta e nos exige entender é que a possibilidade de ler a configuração estética apresentada pela cena narrada só nos é acessível enquanto desvelamos os respectivos “mundos sensíveis” que organizam a própria percepção de quem se propõe a colocar em prática uma pesquisa. Em outras palavras, há uma premissa de implicação subjetiva inerente ao método que é aplicada tanto a quem conduz a investigação quanto ao material nela recolhido.

Não há montagem possível de uma cena que não diga sobre aquilo que toca o(a) pesquisador(a) no que lhe é mais caro e particular em sua atividade de pesquisa. Por conseguinte, é justamente porque há uma implicação de quem investiga que é possível vislumbrar o caráter estético e político de uma cena narrada. Uma pesquisa pode dar testemunho do potencial subversivo do material que ela recolhe precisamente porque seus próprios agentes são forçados a se deslocarem da posição de um saber constituído para dar lugar à possibilidade de serem tocados pela emergência do real e do sensível no material recolhido. É o que queremos dizer quando afirmamos que o método da cena se aplica mais à pessoa que pesquisa do que ao material produzido em um trabalho de investigação: são os(as) pesquisadores(as) que se submetem a colocar algo de si no trabalho de pesquisa, para experimentarem, em primeira mão, os efeitos de uma narrativa no corpo social; em nosso caso, a descrição de uma cena infantil de afeto envolvendo um elemento tão simbolicamente carregado, como a cana-de-açúcar, diante de um vasto contexto histórico de violência racial e colonial.

Destarte, este artigo consiste em um testemunho da experiência diante de um recorte narrativo oriundo de uma pergunta investigativa. Ao se colocarem a trabalho na experiência de percepção estética de uma obra, aqueles(as) que pesquisam dão um relato do deslocamento afetivo que a pesquisa qualitativa pode promover, abrindo espaço para que o dissenso ganhe corpo e lugar na escrita e no fazer investigativos.

Referências

- Badiou, A. (1995). *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Badiou, A. (1996). *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: UFRJ, Zahar.
- Cardoso, A. F. (2022). “Igualdade política” em Jacques Rancière: caminho para uma teoria não normativa? *Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP*, São Paulo, Brasil, 12. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://sdpscp.fflch.usp.br/sites/sdpscp.fflch.usp.br/files/inline-files/Andr%C3%A9%20Fressatti%20Cardoso.pdf>.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236.
- Dean, W. (1995). *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Eisenberg, P. L. (1974). *Homens esquecidos: escravos e trabalhadores livres no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Ferlini, V. L. A. (1984). *A civilização do açúcar (séculos XVI a XVIII)* (Tudo é História, 88). São Paulo: Brasiliense.
- Ferreira Gullar. (1980). *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- Franco, M. (2017). Aos “Bastardos da PUC”, com carinho. *Correio Instituto Moreira Salles*. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://correio.ims.com.br/carta/aos-bastardos-da-puc-com-carinho/>.
- Goethe, J. W. (1999). *Fausto*. O. O. Paes, Trad. Rio de Janeiro: Sette Letras. (Obra original publicada em 1790).
- Guerra, A. M. C., Moreira, J. O., Oliveira, L. V. & Lima, R. G. (2022). Narrativa memorialística como estratégia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. In Moreira, J. O & Kind, L. (Orgs.), *Pesquisas com narrativas nas ciências humanas: psicanálise, psicologia social, sociologia e história*. (pp. 19-50). Porto Alegre: ediPUCRS. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://editora.pucrs.br/livro/1585/>.
- Guzzo, M. (2021, 29 de julho). Conceição Evaristo: a escritora negra reconstrói a história brasileira. *Portal Geledés*. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/>.
- Hüning, S. M., Mariano, R. B., Silva, A. K. & Nascimento, P. S. (2015). Processos de subjetivação no contexto da monocultura de cana-de-açúcar. *Psicologia em Revista*, 21(3), 448-463. Recuperado em 28/11/2025 em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n3/v21n3a03.pdf>.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. J. Oliveira, Trad. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lima, L. L. A., Lima, F. & Oliveira, L. R. (2022). Mulheres negras, subjetivação e trauma colonial: bem viver e futuridade. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 14(esp.), 60-77. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1444>.

- Marques, Â. C. S. (2022). O método da cena em Jacques Rancière: dissenso, desierarquização e desarranjo. *Galáxia*, 47, 1-21. Recuperado em 28/11/2025 em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202253828>.
- Marques, Â. C. S. & Prado, M. A. M. (2018). O método da igualdade em Jacques Rancière: entre a política da experiência e a poética do conhecimento. *Mídia & Cotidiano*, 12(3), 7-32. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27105>.
- Miller, J.-A. (2005). *La pareja e el amor: conversaciones clínicas con Jacques Alain-Miller en Barcelona* (pp. 15-20). Paidós.
- Mintz, S. (2010). *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. C. R. Dabat, Org. e Trad. Recife: Editora Universitária UFPE.
- Moreira, J. O., Guerra, A. M. C., Rodrigues, B. F., Silva, A. C. D. & Malta, A. L. (2022). Narrativas memorialísticas e pesquisa em psicanálise: Pensando o enigma e a alteridade. In Moreira, J. O. & Kind, L. (Orgs.), *Pesquisas com narrativas nas ciências humanas: psicanálise, psicologia social, sociologia e história*. (pp. 85-110). Porto Alegre: ediPUCRS. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://editora.pucrs.br/livro/1585/>.
- Nabuco, J. (2000). *O abolicionismo*. Barreiras: Nova Fronteira.
- Nascimento, B. (2021). Por uma história do homem negro. In Ratts, A. (Org.), *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. (pp. 37-46). Rio de Janeiro: Zahar.
- Nunes, I. R. (Org.). (2020). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. São Paulo: Mina Comunicação e Arte.
- Prado, C. (1942). *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.
- Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível: estética e política* (2ª ed.). M. C. Netto, Trad. São Paulo: Editora 34.
- Rancière, J. (2014). *Nas margens do político*. Lisboa: KKYM.
- Rancière, J. (1996). O dissenso. In Novaes, A. (Org.), *A crise da razão*. (pp. 367-382). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rancière, J. (2021). Prefácio à tradução brasileira. In Rancière, J. & Jdey, A., *O método da cena*. (pp. 21-31, Â. Marques, Trad.). Belo Horizonte: Quixote Do.
- Rego, J. L. (2002). *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Rodrigues, R. N. (1942). *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Schwartz, S. B. (1985). *Sugar plantations in the formation of Brazilian society: Bahia, 1550-1835*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Voigt, A. F. (2019). O conceito de “cena” na obra de Jacques Rancière: a prática do “método da igualdade”. *Kriterion*, 60(142), 23-41. Recuperado em 28/11/2025 em: <https://doi.org/10.1590/0100-512X2019n14202afv>.
- Zafalon, M. (2007, 29 de abril). Cortadores de cana têm vida útil de escravo em SP. *Folha de São Paulo*, p. B1.

Scene and dramaturgy of politics in a black student's narrative: dealing with dissent

Abstract

In this paper, we intend to analyze a scene narrated by a young black university student concerning the interpersonal connection and communication between a grandmother with her granddaughter. The scene was heard in a research context that sought to identify the ways and means of overcoming, coping with and dealing with the effects of racism within a university institution and in the context of the affirmative action policy in Brazil. Besides, the paper tries to consider inventive ways of interpreting results in qualitative research. Inspired by Rancière's scene method, the scene narrated and remembered by the young woman depicts her grandmother peeled sugar cane and gave it to her granddaughter to chew. It is a scene that points to important themes regarding the history of the black population in Brazil, while also offering aspects that may challenge hierarchical relations and allow for the emergence of new subjective and social elements.

Keywords: Transmission, Black women, Scene method, Sugarcane, Materialistic narratives.

Scène et dramaturgie du politique dans le récit d'un étudiant noir: opérer avec la dissidence

Résumé

Dans cet article, nous avons l'intention de cerner le récit d'une scène racontée par une jeune étudiante universitaire noire à propos de la liaison et la communication d'une grand-mère avec sa petite fille. Nous avons écouté la scène dans un contexte de recherche visant à repérer les voies et les moyens de surmonter, d'affronter et de soigner les effets du racisme au sein d'une institution universitaire et dans le cadre d'une politique d'action positive. De plus, nous cherchons à réfléchir à propos de moyens inventifs d'interprétation des résultats de la recherche qualitative. Inspirés de la méthode de la scène proposée par Rancière, nous écoutons le récit de la scène racontée et remémorée par la jeune femme dans laquelle sa grand-mère épluchait la canne à sucre pour en donner à sa petite-fille, comme une scène encrée de thèmes chers à l'histoire de la population noire brésilienne, et propose une nouvelle scène de partage qui peut briser les hiérarchies et offrir l'émergence du nouveau.

Mots-clés: Transmission, Femmes noires, Méthode de la scène, Canne à sucre, Récit mémorialistes.

Escena y dramaturgia de la política en la narrativa de una estudiante negra: operando con el disenso

Resumen

En este artículo, pretendemos recortar una escena narrada por una joven universitaria negra sobre la conexión y la comunicación entre una abuela y su nieta. La escena fue escuchada en un contexto de investigación que tenía como objetivo ubicar las formas y medios de superación, enfrentamiento y tratamiento de los efectos del racismo dentro de una institución universitaria y en el contexto de una política de acciones afirmativas. Además, el texto trata de pensar en formas inventivas de interpretaciones de resultados en investigación cualitativa. Inspirándose en el método de la escena de Rancière, se escuchó la escena narrada y recordada por la joven, en la que su abuela pelaba la caña de azúcar y se la daba a su nieta para que la chupara, como una escena que trata de temas relevantes para la historia de la población negra brasileña, pero ofrece una nueva escena de compartición que puede romper jerarquías y ofrecer el surgimiento de lo nuevo.

Palabras clave: Transmisión, Mujeres negras, Método de la escena, Caña de azúcar, Narrativas memorialistas.

Recebido em: 30/07/2025

Revisado em: 13/09/2025

Aceito em: 21/10/2025